

Acção: A Lenta Agonia de um Jornal Integralista **(1937-1938)**

Renato Alencar Dotta

O diário *Acção*, órgão da Ação Integralista Brasileira na capital paulista, teve seu primeiro número lançado em 7 de outubro de 1936, quarto aniversário de fundação da AIB. A primeira sede da redação do jornal localizava-se na Rua do Carmo, 17, 1º andar, e, depois (a partir do dia 03/08/1937), com oficinas próprias, na Rua Irmã Simpliciana, nº 17-A, no centro de São Paulo.¹ Pretendia ser um jornal de circulação estadual (ou “provincial”, nos termos integralistas) e, se possível, ser lido em outros estados. Circulou ininterruptamente até 23 de abril de 1938, já durante a vigência do Estado Novo.

Os jornais integralistas tinham como razão mesma de sua existência a divulgação da doutrina partidária. Para um melhor controle, a AIB unificou todos os seus periódicos numa rede chamada *Sigma Jornais Reunidos* em 1935, sendo subordinada à Secretaria Nacional de Propaganda. O diário *Acção*, naturalmente, era parte deste “consórcio jornalístico”².

Acção foi, sem dúvida, o maior investimento, em termos de imprensa, da AIB em São Paulo, tendo se tornado um dos mais importantes veículos publicitários do partido. Não é à toa que ele surge exatamente em 1936. Este foi considerado o “Ano Verde”, pois além da crescente militância, sobretudo após a tentativa fracassada de tomada do poder conhecida como Intentona Comunista (como se sabe, o sentimento anticomunista foi amplamente explorado pelos integralistas), os camisas-verdes tiveram importantes vitórias nas eleições de 1936 em diversos estados, chegando a eleger no estado de São Paulo dois prefeitos e vários vereadores incluindo um na capital³.

Vislumbravam a hipótese que parecia cada vez mais palpável de chegar ao poder, pois aproximavam-se as eleições presidenciais de 1938, na qual Plínio Salgado sairia candidato. Por tudo isso, provavelmente a seção paulista da AIB possuía dinheiro em caixa para financiar um jornal diário mais ou menos nos moldes do vespertino integralista carioca, *A Offensiva* (do qual, por sinal, o *Acção* por vezes reproduzia matérias)⁴.

Durante toda sua existência, o *Acção* teve como diretor e editor Miguel Reale, que escrevia com frequência no jornal, e Paulo Paulista de Ulhoa Cintra como “secretário” da folha. Advogado, Cintra era também chefe municipal da AIB em São Bernardo, tornando-se depois membro da Câmara dos Quatrocentos⁵. Já a gerência passou pelas mãos de Eduardo Graziano, médico (e, durante algum tempo, também chefe municipal de São Paulo), até 14/1/1938, e José Ribeiro de Barros (desta última data até a extinção do periódico, três meses depois). Além destes, Mário Mazzei Guimarães⁶ (advogado) e Benedito Vaz⁷ eram os redatores principais das notícias. É interessante acompanhar as lembranças de Miguel Reale, em suas *Memórias*, uma das poucas fontes de informação sobre o *Acção*.⁸ Reale lembra da criação do jornal praticamente como uma iniciativa pessoal, juntamente com alguns amigos próximos, aos quais manifestou seu propósito de fundar um diário em São Paulo.⁹

Segundo o ex-teórico integralista, “*Acção foi um vespertino vibrátil e até mesmo agressivo. Tosco como um moirão mal lavrado e à pressa fincado na terra para servir de marco militar, denunciava tanto a pobreza dos recursos como a inexperiência dos ‘focas’ que o redigiam*”.¹⁰

Tendo atingido uma tiragem declarada de 78 mil exemplares¹¹, o jornal se pretendia de circulação estadual, e às vezes até fora do estado. Seu formato, em seu primeiro ano de existência (isto é, do número 1 até 27/9/1937), era próximo do formato que hoje chamamos de “standard”, ou seja, 60 centímetros de altura por 48 de largura. A partir do dia 28 de setembro até sua dissolução, o *Acção* passa a ter um formato mais próximo do “tablóide”, mais exatamente 49 centímetros de altura por 33 de largura. Ao mesmo tempo, o jornal passa de vespertino para matutino¹².

Assim como os demais jornais integralistas sediados em capitais, as imagens da folha eram basicamente fotos personalistas, sobretudo de líderes integralistas, fotos de reuniões partidárias (em sua maioria com os militantes fazendo a saudação com o braço e ostentando o Sigma e bandeiras), e eventualmente, cartuns¹³.

Contudo, o jornal não pretendia ser apenas um repetidor do que se lia nos livros e panfletos integralistas. Mas, de acordo com Reale, “*era preocupação diuturna dos colaboradores a análise da conjuntura social e econômica do País, desde o problema da dívida externa às causas determinantes da persistente crise agrícola e industrial*”¹⁴.

Tal esforço visava, contudo, fins doutrinários, pois tudo isso era veiculado de uma maneira a direcionar o pensamento do leitor e/ou militante.

Miguel Reale afirma que, mesmo antes do Estado Novo, o jornal foi alvo de censura. O jornal muitas vezes era impedido de fazer críticas ao Partido Constitucionalista (PC), do então candidato às frustradas eleições presidenciais de 1938, Armando de Salles Oliveira. O PC, partido do governo estadual *“se valia ilicitamente das leis de exceção (baixadas pelo Governo Federal para combater o comunismo) a fim de nos impor uma rígida censura, com um censor como cêrbero a domicílio, a cujo critério palmar éramos obrigados a submeter não só os artigos como todo o noticiário!”*¹⁵

O financiamento do *Acção* era feito através da compra em bancas, ao preço de duzentos réis, além de assinaturas e publicidade em suas páginas.

A primeira análise de caráter historiográfico realizada sobre este jornal é de autoria de Maria Luiza Tucci Carneiro em seu livro *O Anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*¹⁶.

Qualificando-o de “mensageiro antissemita”, Tucci Carneiro analisa o linguajar antijudaico do diário, ramerrão comum naquele período em diversos setores na sociedade brasileira, tema central desta sua tese de doutoramento.¹⁷

Tucci Carneiro, situando a imprensa como importante divulgadora do preconceito contra os judeus nesse momento histórico, privilegia a análise de dois diários: *O Estado de S. Paulo* e *Acção*. Destacando reportagens, frases e títulos de notícias referentes aos judeus (ou não necessariamente concernentes a eles) publicados no *Acção*, a autora aponta que o periódico *“expressou, através do noticiário nacional e internacional, nas linhas e entrelinhas de seu texto, um delineado posicionamento antissemita”*, tendência difundida entre vários setores do movimento integralista.¹⁸

De acordo com a pesquisa de Tucci Carneiro, as afirmações de antissemitismo, apesar de existentes desde o início da circulação do jornal, serão realmente significativas depois do golpe de Estado de 1937, período que a autora identificou como sendo de *“um revigoração do antissemitismo político e xenófobo nos bastidores do governo Vargas”*.¹⁹

Existe ainda um verbete no *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, assinado por Amélia Cohn, no qual ela relaciona brevemente as principais características do

diário, bem como os principais momentos de sua trajetória. Apenas nos permitimos reafirmar que Miguel Reale foi sozinho o diretor do *Acção*, ao contrário do apontado no verbete que afirma que teria sido Alfredo Egidio de Souza Aranha, ao lado de Reale²⁰.

No século XXI, duas dissertações de mestrado foram defendidas sobre o jornal: a de minha autoria, de 2003, na qual foco sobre a importância da coluna voltada aos operários; e a de Jefferson Barbosa, de 2007, com ênfase na maneira como o diário retratava os regimes nazista e fascista europeus.²¹

Desde o primeiro número, o jornal possuía uma coluna sindical, na qual tentava dirigir e cooptar os trabalhadores dos mais diversos setores. Nessa seção, em geral redigida por Benedito Vaz, fazia críticas a pouca efetividade e falta de fiscalização da legislação trabalhista varguista, e estabelecendo como exemplo positivo de legislação, os casos da Itália fascista, de Portugal sob Salazar e as Encíclicas sociais católicas.

A propaganda anticomunista era uma constante no jornal, embora o antissemitismo não fosse muito comum em suas páginas, pelo menos até o golpe de novembro de 1937, ao contrário de outros periódicos do movimento, como *A Offensiva*, na qual Gustavo Barroso escrevia a coluna “Judaísmo Internacional”, ou o antecessor do *Acção*, o semanário paulista *Aço Verde*, dirigido por Oswaldo Bastos, e que circulou ao longo de 1935. As notícias referentes aos regimes fascista e nazista, além do Portugal de Salazar e dos movimentos de extrema-direita internacionais como a Guarda de Ferro romena, o sinarquismo mexicano, o nacismo chileno, e a União de Fascistas Britânicos, dentre muitos outros, eram descritas quase invariavelmente em tons que iam do positivo ao apologético. Devido ao antiliberalismo próprio da AIB, as notícias contrárias às chamadas democracias parlamentares (EUA, Grã-Bretanha e França, sobretudo) iam da ressalva à condenação.

Páginas e colunas voltadas aos esportes, ao cinema, ao teatro, ao rádio (“Microfone”), além de uma página da mulher tiveram presença constante ao longo de suas mais de 400 edições, com o objetivo de atrair também o leitor não-militante.

Em seu primeiro ano de existência, *Acção* se firma como um dos principais veículos da imprensa do Sigma, ao lado do carioca *A Offensiva*, e das revistas *Anauê* e *Panorama*, todos estes de circulação nacional. Como porta-voz do movimento, o jornal

tinha um noticiário voltado para as atividades da AIB realizadas em todo o Estado, chamada “Movimento Integralista”, e seus redatores eram os chefes municipais dos mais de 400 núcleos do interior, ou alguém designado por eles. Também eram divulgadas as ações dos integralistas eleitos para cargos públicos, como deputados, prefeitos e vereadores, seus discursos e realizações.

As datas máximas do movimento do Sigma como o aniversário de Plínio Salgado (22 de janeiro), as Matinas de Abril (23 de abril), e a Noite dos Tambores Silenciosos (7 de outubro), todas elas com rituais pré-estabelecidos, além das datas nacionais (morte de Tiradentes, Dia da Independência, Dia da Bandeira) eram divulgadas durante vários dias após o ocorrido, nas mais variadas sedes pelo estado e pelo país.

Ao longo de 1937, o ponto alto do jornal será a divulgação da campanha de Plínio Salgado à Presidência da República para as eleições que se realizariam em 3 de janeiro de 1938.

No jornal, a atitude em relação ao governo federal sempre se pautou pela ambiguidade, ora criticando, ora louvando, com muitas gradações. Essa postura, conforme veremos a seguir, vai se definindo para uma posição cada vez mais favorável, conforme se aproxima o golpe de novembro, mas vai colocando o jornal numa situação que soa cada vez mais estranha perante a militância integralista e o restante da sociedade.

O Plano Cohen, forjado dentro do Exército com a importante participação de um integralista, o Capitão Olimpio Mourão Filho, não apenas é ostensivamente divulgado nas páginas do jornal, como é atribuída a Plínio Salgado uma pré-ciência de “manipulações comunistas” desde agosto de 1937, as quais teriam desembocado na suposta tentativa de golpe²².

As eleições ainda não estão oficialmente suspensas e o jornal continua a divulgar, de forma cada vez mais discreta, a campanha de seu candidato. No final de outubro, o *Acção* celebra como mérito da AIB o fechamento das lojas maçônicas em todo o país²³.

O que foi visto momentaneamente como um grande trunfo da Ação Integralista, e toda sua imprensa divulgou amplamente, foi a chamada “Marcha dos 50 Mil”, ocorrida no dia 1º de novembro na capital da República. Oficialmente, a marcha foi divulgada como uma homenagem ao centenário de nascimento do General Couto de Magalhães (1837-1898), folclorista que se dedicou ao estudo dos indígenas brasileiros. Na realidade, porém, tratava-se de uma demonstração de força perante Getúlio Vargas e demais autoridades, já que Plínio Salgado, procurado por emissários de Vargas, sabia antecipadamente do iminente fechamento do regime.

No dia seguinte, *Acção* estampa, em primeira página, lado a lado, as fotografias, ocupando boa parte da página, de Getúlio Vargas, à esquerda, e Plínio Salgado, uniformizado e ostentando o sigma na ombreira, à direita. A manchete:

“50 mil ‘camisas-verdes’ desfilaram no Rio ao lado das Forças Armadas – O Presidente Getúlio Vargas, na sacada do Palácio Guanabara, ladeado do General Newton Cavalcanti e Almirante Dario Paes Leme, assistem ao imponente desfile”

E em letras menores, mais abaixo: *“Homenagem ao General Couto de Magalhães”*.²⁴

Nos dias seguintes, descrições, impressões, fotografias e opiniões – naturalmente sempre positivas – seriam publicadas no jornal sobre o desfile integralista, dando a entender que havia uma aceitação do integralismo junto às Forças Armadas em particular, e ao governo federal, em geral. Na guerra aberta da Nação contra o Comunismo Internacional, o integralismo aparentemente garantia o seu lugar.

*“A Hora é a da União Sagrada. E nada deve estar mais alto do que a confiança em Plínio Salgado. Ele sabe o que faz e porque o faz. Por isso, confiança absoluta em Plínio Salgado deve ser a Estrela do Destino que despedirá chispas de fogo iluminando o nosso rude caminhar. Essa estrela nos conduzirá à Vitória.”*²⁵

A confiança que o jornal pretende passar é diametralmente oposta ao estado de espírito que reinava entre as hostes integralistas²⁶. Salgado, ele mesmo não convencido da demonstração, mais tarde diria que a marcha “*não passou de um apelo e uma expressão de força moral, pois éramos desarmados*”.²⁷ Como as eleições estavam formalmente de pé, o jornal ainda divulgava, discretamente, alguns comícios da campanha presidencial que já estavam programados.

Do golpe do Estado Novo até a extinção do jornal

Depois do golpe do Estado Novo, em 10 de novembro, a situação dos integralistas torna-se cada vez mais complexa. Em seu primeiro mês, o novo regime é ostensivamente apoiado pelas lideranças camisas-verdes. Mais uma vez, o jornal é efusivo em divulgar a nova ordem nacional. Na edição do dia 11, o jornal publica novamente, lado a lado, as fotos de Plínio (o “Chefe Nacional”) e Getúlio (o “Chefe da Nação”), em primeira página. A manchete:

*“A Nova Constituição – Adotados vários princípios corporativos – Dissolução dos partidos políticos provincianos – O Presidente Getúlio Vargas instaura uma nova ordem para a salvação do Brasil”*²⁸

E, mais adiante:

*“A Nação, no que ela possui de mais representativo, forma ao lado do Governo Central, na certeza de que está próxima a hora da integralização da sociedade brasileira.”*²⁹

Ao longo do mês de novembro, continua-se a divulgação do crescimento numérico do movimento: em 14 de novembro, a manchete é sobre o “*juramento de 237 novos integralistas*” no Rio, e mais 42 em Ribeirão Preto³⁰. A inauguração ou reinauguração de núcleos também continua ocorrendo e é celebrada: por exemplo, a criação do núcleo distrital de Praia, à Avenida Pinheiro Machado, em Santos, e a

abertura de nova sede do núcleo do Ipiranga, na capital paulista, com direito a discursos de Gofredo da Silva Teles Jr., e Benedito Vaz, dentre outros.³¹ Cerimônias e competições também continuavam ocupando suas páginas.³²

Opiniões de militares favoráveis a permanência do integralismo na legalidade eram enfatizadas e superdimensionadas. “ ‘*O Integralismo não pode ser desprezado, tamanha é a sua força moral no Brasil*’, afirma o Gen. Azambuja Villa Nova, interventor federal em Pernambuco”, proclama em letras garrafais a manchete do dia 21 de novembro; no dia 25, outro militar interventor sugere uma ação efetiva favorável aos camisas-verdes:

“‘O Integralismo tem direito de usar distintivos e realizar reuniões’ – Medida de justiça do General Daltro Filho, interventor no Rio Grande [do Sul] – Ordem de garantia expedida a todas as delegacias da Polícia Gaúcha”.³³

A 2/12/1937, todos os partidos políticos são extintos, incluindo a AIB, que somente poderia subsistir desde que mudasse de identidade e renunciasse à ação política. Os integralistas criam, assim, a Associação Brasileira de Cultura (ABC) e não podem mais ostentar sua simbologia característica, como a camisa-verde, o sigma, as bandeiras, a saudação “anauê”, e nem mesmos os termos “integralismo” ou “integralista” podem ser veiculados em sua imprensa, a qual persiste em alguns casos, como o *Acção*³⁴.

A ação da censura se faz sentir. Vejamos esta nota, provavelmente um recado sutil aos leitores:

“DEPARTAMENTO DA CENSURA”

“O Departamento da Censura teve a gentileza, ontem, de transmitir à ‘Acção’, e a todo o pessoal redatorial e das oficinas, seus agradecimentos pelas deferências recebidas e fazendo votos de felicidades para o corrente ano, que ora se inicia.

*A comunicação foi recebida pelo Dr. Paulo Paulista, nosso secretário, que agradeceu a gentileza, retribuindo as felicitações”*³⁵.

Esta harmonia que o jornal tenta passar, contudo, é apenas aparente. É importante lembrar duas coisas: primeiro, após o golpe branco de 10 de novembro, os integralistas se dividem em dois grupos: aqueles que aceitam a nova situação política, já que, entre outros motivos, a Carta de 1937 defende postulados corporativistas e antiliberais, pregados durante toda a existência da AIB, e os rebeldes à nova ordem; e segundo, a perseguição que a polícia pratica contra esses rebeldes.³⁶

O jornal, porém, não faz a menor menção a esses fatos. A imprensa integralista, obviamente, se declara oficialmente favorável à nova situação. “Obediência à lei” foi a manchete do *Acção* a 28/12/1937. O texto fazia referência a “boletins apreendidos pela polícia” no Rio de Janeiro.³⁷

Contudo, a folha não está totalmente passiva. É interessante notar que o *Acção* parece querer se utilizar de discursos velados para manter firmes os ideais e as posturas dos militantes. Em algumas ocasiões, em geral na página 4, eram transcritas longas passagens bíblicas, sem qualquer explicação aparente (por exemplo, uma data religiosa). Na edição do dia 5 de fevereiro de 1938, há uma transcrição do capítulo 3 da Segunda Epístola de Paulo a Timóteo.

*“10 – Tu porém tens seguido a minha doutrina, modo de viver, fim que me proponho, fé, longanimidade, caridade, paciência (...). 12 – Também todos que querem viver piamente em Jesus Cristo, padecerão perseguição (...). 14 – Tu, porém, mantém-te firme naquelas coisas que aprendeste e que te foram confiadas, sabendo de quem as aprendeste.”*³⁸

Esse trecho provavelmente quer sugerir aos seus leitores uma comparação das dificuldades dos primeiros tempos do cristianismo com os problemas políticos que, naquele momento, passavam os integralistas. Essa estratégia de apelar para discursos religiosos, parece pretender convencer os ex-camisas-verdes para permanecerem firmes em seus ideais, porque um dia venceriam, como venceram os cristãos³⁹.

As notícias internacionais agora predominam sobre as nacionais e mesmo as de caráter local diminuíram muito. A própria ABC não ocupa muito espaço nas páginas do jornal, ao passo que o antisemitismo tem uma presença mais significativa do que anteriormente. Por exemplo, vejamos a manchete do dia 4/1/1938:

“Realizam-se os planos dos Protocolos dos Sábios de Sião! Os judeus internacionais criam um fundo de 80 milhões de contos para combater os países nacionalistas! A Inglaterra, amiga dos judeus, lucrará com a ação da judiaria.”⁴⁰

Comparado com o período anterior ao Estado Novo, as referências ao movimento “ex-integralista” diminuíram muito, mas ainda aparecem. O “Natal das Crianças Pobres”, tradicional atividade de fim de ano da AIB de distribuição de brinquedos às crianças carentes, subsiste, como mostra esse título de uma notícia de primeira página:

“O Natal das crianças pobres em Jaú – A atividade das senhoras e senhorinhas da filial da ABC nessa cidade”⁴¹

O *Acção* pretende fazer sua militância crer que a nova conjuntura não teria mudado em nada a situação do integralismo. A ABC continuaria atraindo adeptos, conforme a manchete do dia 8/1/1938, que diz: *“Milhares de inscrições na ABC”⁴²*

Em janeiro, a principal *pièce de resistance* da propaganda integralista nas páginas do *Acção* foi o aniversário de Plínio, a 22 de janeiro. Todos os anos, nos principais jornais do movimento, páginas inteiras eram dedicadas à “liderança”, à “inteligência”, aos livros, ações etc. etc. do Chefe Nacional da antiga AIB, nas edições de seu natalício. Nos dias seguintes, havia os “desfiles telegráficos”, a transcrição de dezenas de telegramas de congratulações vindos de núcleos integralistas dos mais variados cantos do Brasil.

Com o espaço político reduzido, ao mesmo tempo em que não se trata de uma atividade diretamente política, o *Acção* dá a ênfase possível ao aniversário do “presidente da ABC”. Assim, no dia do aniversário desse ano, o jornal publica em primeira página uma foto oficial de Plínio, fazendo logo abaixo os costumeiros elogios à sua figura, exaltando-o de forma desproporcional à sua real importância política naquele momento:

“Em menos de três lustros, Plínio Salgado - o maior dos brasileiros vivos – já tem realizado uma obra de pensamento pela qual os mártires morreram. Como condutor de

massas, soube realizar o que Pinheiro Machado, Rui Barbosa e tantos brasileiros iminentes não conseguiram: a formação de uma consciência nacional indestrutível, de sul a norte, que, hoje, é a rocha viva da nacionalidade contra as investidas internacionalistas e imperialistas.”⁴³

Logo abaixo desse texto, segue a transcrição do primeiro telegrama (“*após soar a meia-noite, no primeiro minuto do dia de hoje*”) de parabenização, enviado pelo chefe da sucursal paulista da ABC, Benedito Vaz, ao líder “ex-integralista”:

“Em nome de duzentos mil brasileiros de São Paulo – berço da primeira marcha – que sentem em seu nome suprema expressão da dignidade nacional, cumprimento grande brasileiro, condestável da Pátria, pedindo a Deus preserve para grandeza do Brasil e defesa civilização cristã preciosa existência tão cheia de luz.”⁴⁴

No dia 25, o jornal divulga – em canto inferior (provável sinal de não provocar as autoridades) da primeira página - uma missa de ação de graças “*mandada rezar pelos amigos e admiradores de Plínio Salgado, na passagem de sua data natalícia*”, realizada na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, da qual participaram Salgado, sua esposa, e várias figuras de destaque da AIB carioca (entre eles, Gustavo Barroso, Loureiro Jr. e Madeira de Freitas)⁴⁵.

No dia 11 de março, há uma primeira tentativa de levante contra o Estado Novo promovida por alguns elementos vinculados à AIB, no Rio de Janeiro. Alguns militantes tentaram tomar o Edifício dos Correios e Telégrafos, as usinas geradoras de eletricidade, a Rádio Mayrink Veiga e a Escola Naval. Contudo, tratava-se de um “alarme falso” e os armamentos e militares resistentes capturados foram liberados. Seguiu-se uma série de prisões, embora a maioria foi solta alguns dias depois⁴⁶.

Esses fatos são divulgados à imprensa, porém, apenas uma semana após, no dia 18. Nesse mesmo dia, o *Acção* limita-se a transcrever sem destaque a nota divulgada pelo gabinete do Ministério da Justiça, embora intitulada como uma indagação que beira a ironia:

“Conspiração contra o Estado Novo? – Afirma o Ministro da Justiça que se pretendia perturbar a ordem no país”⁴⁷.

A grande imprensa, porém, não esconde o papel dos integralistas na tentativa de *putsch*. O *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, por exemplo, publicou uma grande fotografia de material – inclusive armas de fogo - que teria sido apreendido pela polícia que ostentava duas bandeiras integralistas. Além disso, afirmava que a polícia encontrou 3000 punhais com a suástica que teriam estado na residência de Plínio Salgado⁴⁸.

Em sua edição do dia seguinte, o *Acção* tenta, na medida do possível refutar as acusações dos outros jornais. Sem, em nenhum momento citar a palavra “integralismo”, e chamando a imprensa em geral de “praga tremenda” e “cancro inigualável”, os redatores desabafam amargamente, apelando para imagens fortes:

“As organizações secretas internacionais servem-se das redações dos jornais assalariados onde infiltram elementos de sua confiança para controlar as notícias sobre os acontecimentos importantes desenrolados no país e no estrangeiro; para alterar, deturpar, mudar os detalhes, criando rumos inexistentes, mentindo miseravelmente, visando desorientar a opinião pública e lançar o desânimo nas hostes idealistas”⁴⁹.

Contudo, o jornal vai tomando cada vez mais uma expressão conformista, opaca. Quase nada, nas paginas de *Acção*, lembra o “vespertino vibrátil e agressivo” a que se referiu Reale, do período anterior ao Estado Novo.⁵⁰

Acção deixou de circular no dia 23 de abril de 1938, número 464. Em sua carta de despedida aos leitores, o jornal não explica o motivo de seu desaparecimento:

“Esta tribuna vai desaparecer; nós não conversaremos mais com o Brasil através das colunas de Acção; porém, isso não significa que hemos desaparecido: há no coração de todos nós uma chama sempre viva acalentando um Ideal e o Ideal não morre quando uma tribuna desaparece!”⁵¹

O diário *Acção* é uma fonte privilegiada para se acompanhar uma auto-imagem do movimento integralista desde o seu auge (1936, o “Ano Verde”) até os primeiros

meses do Estado Novo, quando os camisas-verdes marchavam rumo à desarticulação completa. Depois do golpe de 10 de novembro, percebemos uma contradição crescente entre as aparentes aproximações ideológicas do movimento do Sigma e da nova ordem política, de modo que a AIB era, cada vez mais, vista como um corpo estranho pelo governo ditatorial. Assim, entre a repressão policial, a censura e uma militância confusa diante das perseguições, o jornal de Reale, o último representante de uma outrora vasta rede de doutrinação, tentava passar a imagem mais otimista possível aos partidários do movimento do qual era porta-voz, ao mesmo tempo em que seu espaço político encolhia diariamente, até a desincompatibilidade completa e o choque inevitável da AIB com o governo varguista, que desembocaram, por fim, nos acontecimentos de maio de 1938.

¹ “Jornal ‘Acção’” (anúncio), *Acção*, 3/8/1937, p. 1. A Rua Irmã Simpliciana, hoje, é uma pequena rua no lado norte da Praça da Sé, ligando esta a Rua Venceslau Brás.

² CAVALARI, Rosa M. *Integralismo – Ideologia e Organização de um Partido de Massas no Brasil*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 84.

³ Os candidatos a prefeito do Sigma venceram em Presidente Prudente e Cravinhos. Aquele, Bento Fontao Lippel, era ferroviário. O prefeito de Cravinhos foi Pedro de Gasperi. O vereador da capital era Jose Cyrillo Jr. *Acção*, 9/10/1936, p. 1.

⁴ Principal jornal da AIB, com redação no Rio de Janeiro, tinha circulação nacional. Inicialmente semanal, depois diário e matutino, *A Offensiva* foi fundado por Plínio Salgado a 17/5/1934 e extinto em março de 1938, sendo, provavelmente, o periódico integralista de maior longevidade nos anos 30. Dirigido por seu fundador, tinha como chefe de redação Madeira de Freitas, Thiers Martins Moreira na secretaria e Santos Maia na gerência. Entre seus colaboradores estavam Miguel Reale, Luis da Câmara Cascudo, Gustavo Barroso, Helio Viana, Ernani Silva Bruno, Olbiano de Mello e Oliveira Viana. BELLOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves de (orgs.) *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acessado em 05/02/2011 (verbete “A Ofensiva”).

⁵ A Câmara dos Quatrocentos, órgão consultivo da AIB, formada em junho de 1937 era “composta de militantes de diversas províncias integralistas”. TRINDADE, Helgio. *Integralismo – O fascismo..., op. cit.*, p. 175.

⁶ Mario Mazzei Guimarães foi chefe municipal da AIB em Colina, município localizado na região de Barretos (SP). Nos anos 40, trabalharia como redator-chefe do grupo jornalístico *Folhas* da capital paulista. V. VITALE, João. *Adeus, Mico, Adeus! – Desafios de uma vida*. São Paulo, Edições GRD, 1996, p. 101. Vitale foi militante na AIB, no núcleo de Barretos.

-
- ⁷ Benedito Vaz nasceu em Ipameri (GO) em 1913. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1936. Não teve papel de destaque na AIB. Era membro da JOC – Juventude Operária Católica. Advogado e jornalista, escrevia também em jornais católicos. BELLOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves. *Op. cit.* (verbete “Benedito Vaz”); FARIAS, Damião Duque de. *Em Defesa da Ordem – Aspectos da Práxis Conservadora Católica no Meio Operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 187.
- ⁸ REALE, Miguel. *Memórias*. Volume 1: *Destinos Cruzados*. São Paulo, Saraiva, 1986, pp. 110-117.
- ⁹ *Ibid.*, pp. 110-111.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 113.
- ¹¹ *Acção*, 12/11/1937, p. 1.
- ¹² Nova fase”, *Acção*, 28/9/1937, p. 3.
- ¹³ Cf. CAVALARI, Rosa M. *op. cit.*, p. 90. Segundo Cavalari, “os jornais do interior, aqueles que chegavam até o militante mais distante, eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores, editados nos grandes centros onde se concentrava a elite dirigente do Movimento”. CAVALARI, Rosa M. *id.*, p. 79.
- ¹⁴ REALE, M. *op. cit.*, p. 115.
- ¹⁵ *Ibid.* Segundo Reale, a censura do Partido Constitucionalista permitia toda e qualquer crítica ao candidato oficial às eleições presidenciais de 1938, José Américo de Almeida, mas vedava todas em relação ao candidato da oligarquia paulista Salles Oliveira. É curioso que Reale enfatize a censura armandista, mas não dedique nem uma linha à censura do Estado Novo, muito mais intensa, conforme veremos adiante. Certamente, foi devido às opções políticas que Reale tomou pouco mais tarde: Reale torna-se partidário de Vargas e Ademar de Barros, primeiro interventor paulista durante o Estado Novo.
- ¹⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945) – Fantasmas de uma geração*. São Paulo, Brasiliense, 1995, 2a. edição, pp. 403-417.
- ¹⁷ Segundo Tucci Carneiro, os integralistas tiveram um papel importante nesta difusão do pensamento antissemita no Brasil dos anos 30: “o maior número de obras anti-semitas publicadas durante a era Vargas é de autoria de integralistas”. *Op. cit.*, p. 353.
- ¹⁸ *Id.*, p. 417.
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 393.
- ²⁰ COHN, Amelia. “Ação”. In: BELLOCH, I. e ABREU, A. (orgs.) *Op. cit.*, p. 10, v. 1. Alfredo Egidio foi editor, sim, do diário *A Razão*, no qual Plínio Salgado escrevia em 1931-2, antes, portanto, de fundar a AIB. Sobre esse jornal ver verbete “Razão, A (São Paulo)”, in BELLOCH, I. e ABREU, A. (orgs.) *Op. cit.*, pp. 2891-2, v. 4.
- ²¹ DOTTA, Renato Alencar. *O Integralismo e os Trabalhadores – A AIB, os Sindicatos e os Trabalhadores nas Páginas do Acção (1936-1938)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2003; BARBOSA,

Jefferson Rodrigues. *Sob a Sombra do Eixo – Camisas-Verdes e o Jornal Integralista Acção* (1936-1938). Marília: UNESP, 2007.

- ²² A transcrição completa do Plano Cohen foi feita nas edições de 1º e 2/10/1937. Diz um dos títulos: “Os documentos apreendidos pelo Estado-Maior do Exército confirmaram inteiramente as denúncias do Chefe Nacional sobre o preparo da nova Revolução Comunista” (1/10/1937, p. 3).
- ²³ “Fechada a Maçonaria e todas as sociedades de caráter secreto – Vitoriosa a campanha do Integralismo” (24/10/1937, p. 1).
- ²⁴ *Acção*, 02/11/1937, p. 1.
- ²⁵ “Confiança no Chefe”, *Acção*, 4/11/1937, p. 4.
- ²⁶ HILTON, Stanley. “Ação Integralista Brasileira: O Fascismo no Brasil, 1932-1938”, in: *O Brasil e a Crise Internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, pp. 49-50.
- ²⁷ SALGADO, Plínio. “A Marcha do Integralismo”, *Jornal do Brasil*, 25-26/10/1970. Citado em HILTON (1977, p. 50).
- ²⁸ *Acção*, 11/11/1937, p. 1.
- ²⁹ “O Integralismo ao lado do Governo Central”. *Acção*, 11/11/1937, p. 3.
- ³⁰ Títulos estampados como manchetes nas respectivas edições: “Estrondosa vitória do Integralismo”, 14/11/1937; “Avolumam-se as fileiras verdes do Sigma – Milhares de adesões em todas as Províncias do Brasil”, 16/11; “O Integralismo cresce de maneira vertiginosa”, 17/11; “O Integralismo desdobra os quadros de suas fileiras”, 18/11.
- ³¹ “O Integralismo conquista o Brasil”, 23/11, p. 2; “A inauguração da nova sede do Ipiranga”, 30/11, p. 2.
- ³² “Casamento em Leme” (sobre as bodas do Secretário Municipal de Finanças da AIB local, Octavio Schrauck), 23/11, p. 3; “Atletas do ‘Sigma’ vencem brilhantemente a grande prova pedestre realizada em Piracicaba”, id., p. 10.
- ³³ *Acção*, 21/11, p. 1, e 25/11, p. 1.
- ³⁴ Além do *Acção*, o diário carioca *A Offensiva*, de circulação nacional, continua sendo publicado até meados de março de 1938. O *Diário do Nordeste*, de Recife, também integralista, tem seu fechamento decretado pela polícia a 21 do mesmo mês (SILVA, Hélio. *1938 – Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 27).
- ³⁵ “Departamento de Censura”. *Acção*, 1/1/1938, p. 3.
- ³⁶ Hélio Silva faz um apanhado dos acontecimentos: desde o fechamento da AIB, militantes integralistas são detidos e presos, suas sedes invadidas e fechadas pela polícia, armas e documentos são confiscados. Em Barra Mansa, no estado do Rio, no dia 10 de janeiro de 1938, um grupo de integralistas é preso por ter saudado o delegado local com um “anauê”; uma semana depois, há um cerrado tiroteio entre a polícia e integralistas em Campo Grande, também no Rio, sendo diversas armas apreendidas e presas 24 pessoas; em 23 de fevereiro, vários integralistas são acusados de distribuição de boletins contrários ao Estado Novo e indiciados ao Tribunal de Segurança Nacional. SILVA, Hélio. *Op. cit.*, respectivamente pp. 15, 16 e 22. V. tb. CARONE, Edgard. *O Estado Novo, 1937-1945*, São Paulo: Difel, 1977, pp. 195-8.
- ³⁷ “Obediência à lei”. *Acção*, 28/12/1937, p. 1.
- ³⁸ “Prediz o apóstolo das perigosas heresias”. *Acção*, 5/2/1938, p. 4.

-
- ³⁹ Sobre a criatividade da imprensa em burlar a censura institucional (num período posterior), ver AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978)*. Bauru, EDUSC: 1999, sobretudo pp. 98-110.
- ⁴⁰ *Acção*, 4/1/1938, p. 1. Para se ter uma ideia, no período anterior analisado (outubro de 1936 a fevereiro de 1937), não havíamos encontrado nenhuma manchete de caráter anti-semita.
- ⁴¹ *Acção*, 14/1/1938, p. 1.
- ⁴² *Acção*, 8/1/1938, p. 1.
- ⁴³ “Plínio Salgado”, 22/01/38, p. 1; ao lado, a manchete daquela edição era “O problema judaico e o problema comunista são uma idêntica questão”.
- ⁴⁴ “Os primeiros cumprimentos ao Sr. Plínio Salgado”, 22/01/38, p. 1.
- ⁴⁵ “O aniversário de Plínio Salgado”, 25/01/38, p. 1.
- ⁴⁶ MENANDRO, Heloísa. “Revolta Integralista”, in: BELLOCH, Israel & ABREU, Alzira Alves de (coord.) *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acessado em 05/02/2011. Curiosamente, esse artigo diz que o *Acção* foi fechado pela polícia na sequência imediata dos acontecimentos de 11 de março, o que não se verificou de fato, como estamos demonstrando.
- ⁴⁷ 18/03/38, p. 8; o texto foi publicado na última página da edição.
- ⁴⁸ “O Brasil na iminência de graves acontecimentos”, *Jornal do Brasil*, 18/03/1938, p. 7. Disponível em <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19380318&printsec=frontpage>, acessado em 04/02/2011.
- ⁴⁹ “Imprensa mentirosa!”, 19/03/38, p. 4.
- ⁵⁰ Com exceção, talvez, dos artigos elogiosos ao corporativismo, doutrina coincidente com a da Constituição de 1937. Por exemplo, o artigo “O sistema corporativo e a democracia moderna”, o qual elogia uma suposta substituição de intermediários entre cidadãos e governo: partidos políticos por sindicatos. *Acção*, 10/3/1938, p. 4.
- ⁵¹ “Aos leitores de *Acção*”, *Acção*, 23/4/1938, p. 2.